

## RELAÇÕES, COMUNICAÇÃO E CULTURAS ENTRE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

FRANCINE ALMEIDA PORCIUNCULA BARBOSA<sup>1</sup>; MAGDA NINO<sup>2</sup>; MARTA NORNBURG<sup>3</sup>; PATRÍCIA PEREIRA CAVA<sup>4</sup>; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG<sup>5</sup>,  
ANA CRISTINA COLL DELGADO<sup>6</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas- francine.porciuncula@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas- ninomagda@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas- martaze@terra.com.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas- pccava@via-rs.net*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas- rocwurdig@hotmail.com*

<sup>6</sup>*Universidade Federal de Pelotas- anacoll@uol.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute parte das análises de uma pesquisa com financiamento do CNPQ, com foco nas relações e traços das culturas dos bebês e crianças bem pequenas entre eles, envolvendo amizades, aproximações e conflitos; imaginário e fantasia do real; ludicidade entre pares e na sozinhez, além de formas de linguagem e comunicação dos adultos com as crianças, presentes nas práticas de cuidado e educação. O referencial teórico está fundamentado nas contribuições das Pedagogias da Infância e dos Estudos da Criança. Justificamos a relevância da pesquisa porque necessitamos de estudos que valorizem os bebês e crianças bem pequenas como potentes, o que pode contribuir para a qualificação da docência nas escolas infantis. Potentes, no sentido de que estes grupos de idade tem agência e também transmitem saberes aos adultos, o que permite compreensões menos adultocentradas, ou etnocêntricas sobre eles. Quanto aos Estudos da Criança, destacamos às relações e culturas dos bebês e crianças pequenas que tangenciam a pesquisa. Entendemos que eles são atores de sua socialização, pois aprendem, mas também ensinam as gerações mais velhas (ROGOFF, 2005, BROUGÉRE e ULMANN, 2012). Como refere Brougère, o conceito de aprendizagem ainda é pouco utilizado para evocar o que as crianças ensinam umas às outras, assim como estamos longe de aceitar a ideia de que uma criança possa ensinar alguma coisa a um adulto (BROUGÉRE e ULMANN, 2012, p. 66). E conforme Sarmento, a criança não é o adulto imperfeito e imaturo, mas é o outro do adulto, isto é, entre a criança e o adulto há uma relação não de incompletude, mas de alteridade (2013, p. 18 – 19).

No que diz respeito às Pedagogias da Infância, Pereira (2015, p. 61) explica que estas são consolidadas pela abordagem italiana, tendo seu embasamento na perspectiva da escuta, do encontro e das relações, idealizada por Loris Malaguzzi. Esta pedagogia envolve uma pluralidade de práticas e preceitos pedagógicos para se pensar a educação em creches e pré-escolas. Trata-se de uma educação que privilegia a co-presença de todas as linguagens, entre as quais se destacam a plástica, cênica, musical, lúdica e corporal. Nesse viés, institui uma pedagogia das relações, da escuta e das diferenças (FARIA, 2007).

## 2. METODOLOGIA

Nos inspiramos na etnografia com crianças (GRAUE & WALSH, 2003) e a geração dos dados iniciou em abril de 2013 e finalizou em novembro de 2014. A escola infantil na qual realizamos o estudo é municipal, localizada em um bairro popular da cidade de Pelotas. As turmas participantes da pesquisa foram Berçário e Maternal 1A e 1B. Quanto aos instrumentos metodológicos optamos pela observação participante com notas de campo, filmagens, fotografias e rodadas de conversa sobre as filmagens com as professoras e auxiliares. Em 2013 observamos e filmamos o Berçário 1, que tinha 9 crianças, 6 meninos e 3 meninas e os maternais 1A e 1B compostos por 17 crianças ao todo, 6 meninos e 11 meninas. A ideia era observar e filmar apenas o maternal 1A, mas logo no início da pesquisa, as turmas dos maternais foram agrupadas na mesma sala e assim, as duas passaram a compor a pesquisa. No ano de 2014, decidimos prosseguir com as observações e filmagens apenas com a turma do berçário, pois tínhamos muitos dados (fotos e vídeos) dos maternais. Assim, passamos a observar a mesma turma de bebês, agora, no berçário B2. As observações e filmagens geralmente ocorriam duas vezes na semana, com dias geralmente escolhidos pelas professoras. As professoras e auxiliares foram convidadas a participar das discussões sobre os vídeos no segundo semestre de 2014. Esta etapa possibilitou a escuta das professoras e auxiliares do berçário e dos maternais sobre suas práticas e relações com os bebês e as crianças bem pequenas. Com base nas análises das notas de campo e fotografias e das transcrições dos vídeos surgiram duas dimensões de análise que, por sua vez originaram sub-categorias. São elas: **Traços das culturas infantis** (Relações de amizade, aproximações e conflitos; Imaginário e fantasia do real; Ludicidade entre pares e na sozinhez) e **Práticas de Cuidado e Educação dos adultos em relação às crianças e das crianças entre elas** (Formas de Linguagem e comunicação; Espaços, tempos e materiais). Como ainda nos encontramos em fase de análise do material empírico, algumas reflexões iniciais sobre cada uma das dimensões serão brevemente comentadas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto a primeira delas, sobre os traços das culturas infantis, ressaltamos inspirados em Sarmento (2013), que a criança desde bebê está imersa em cultura, produz visões do mundo e partilha representações da realidade com outras crianças e adultos. Reivindicar esses aspectos para a compreensão das culturas infantis é lembrar que as crianças sempre foram responsáveis pela integração cultural das demais crianças em grande parte da história humana (ROGOFF, 2005). Entendemos a amizade como fazendo parte da interatividade, um traço das culturas da infância (SARMENTO, 2004). Por conseguinte, a construção do sentimento de pertencimento, de ser aceito, ou ser excluído num grupo, indica que bebês e crianças bem pequenas são competentes para estabelecer trocas e aprendizagens sociais e afetivas, não somente com os adultos, mas com outras crianças, o que apresenta regras, normas, valores e crenças nem sempre compreendidos por nós. Na amizade, as relações conflituosas também tem o seu lugar. Como explica Corsaro (2011), elas são um modo de testar a amizade e permitem construir uma ordem social.

Referente ao “imaginário e fantasia do real” e “ludicidade entre pares e na sozinhez” procuramos compreender as culturas infantis a partir das brincadeiras e dos brinquedos das crianças, aspectos que originaram reflexões em torno dos

“objetos que se transformam em brinquedos” e da “interatividade”. No que diz respeito aos objetos é possível indicar que eles não têm, inicialmente, uma função social de brinquedo, mas se transformam na medida em que são manipulados, tocados, cheirados, lambidos, agarrados e utilizados pelas crianças sozinhas ou com grupos. O sentido atribuído pelas crianças está associado a sua capacidade de imaginação e de fantasia. Já em relação à interatividade, estabelece-se uma forma de comunicação, de estreitamento de vínculos, de troca de gestos e significados, bem como de construção de referências entre as crianças e com os adultos acerca do que é o brincar e dos objetos que se transformam em brinquedos. É um aprender com o outro, um aprendizado social e cultural que reconhece as crianças como produtoras de culturas, de culturas lúdicas.

Quanto a segunda dimensão de análise sobre os práticas de cuidado e educação dos adultos em relação às crianças e das crianças entre elas, iniciamos a análise da sub- categoria formas de comunicação e linguagem. Estas referem-se aos meios que humanos, crianças e adultos, constituem para abrir-se ao mundo, para re-conhecer o outro. O apoio teórico tem sido buscado, entre outros, na experiência das educadoras de Lóczy, onde “a força do olhar, da palavra, do gesto, do que temos de mais ‘demasiado humano’ [...]” (2011, p.10) são tomadas como formas de acesso ao mundo e de encontro com o outro. E na perspectiva de Malaguzzi trata-se de uma *pedagogia dos relacionamentos*, na qual os vínculos afetivos desenvolvem-se a partir da escuta e do diálogo, do toque e do olhar, dos direitos de participação das crianças e dos adultos, da força do encontro e da criação, potencializando a construção de novos conhecimentos e a ressignificação do convívio em grupo (PEREIRA, p.61, 2015).

#### 4. CONCLUSÕES

Os bebês usam uma linguagem da não-palavra, mas comunicam muitos pensamentos, sensações, expressões, relações, desejos e emoções dando sinais de extraordinária versatilidade e expressividade dos seus modos de dizer (DELGADO & FILHO, p. 1, 2013). As relações dos bebês e crianças bem pequenas entre eles envolvem disputas, conflitos, aceitação, aproximação, reprodução e produção de culturas. Corsaro (2011) argumenta que na produção das rotinas lúdicas, as crianças têm como objetivo a amizade, o compartilhamento e a participação social, assim como o controle sobre o mundo adulto.

No entanto, sabemos que no dia a dia em uma turma de berçário ou de maternal, se não houver organização, planejamento e cooperação entre as profissionais encarregadas do cuidado e educação das crianças ocorre predomínio da rotinização, o que dificulta uma prática docente pautada no olhar, no toque, na escuta e participação, que seja atenta e receptiva para as variadas formas de comunicação (principalmente pelo corpo, compreendido como linguagem) e para as manifestações das culturas dos bebês e crianças bem pequenas. Pensando na importância das reflexões sobre as ações das profissionais do berçário e maternais participantes desta investigação, as rodas de conversa com base nos vídeos, foram fundamentais para que estas conseguissem discutir e refletir sobre relações pedagógicas pautadas nas interações entre sujeitos, culturas, tempos e espaços que configuram o processo educativo (PEREIRA, 2015).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELGADO, Ana Cristina Coll e FILHO, Altino José Martins (org.). Dossiê “Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação”. *Pro-positões*, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013.
- BROUGÈRE, G & ULMANN, A L. (Org.). *Aprender pela vida cotidiana*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FALK, J. *Educar os três primeiros anos*. São Paulo: JM, 2011.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Lóris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Mochida; PINAZZA, Mônica Apuzzato. *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- PEREIRA, Rachel Freitas. *Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os bebês e adultos no contexto da Educação Infantil*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- ROGOFF, B. *A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed. 2005.
- SARMENTO, M. J. “As Culturas da Infância nas Encruzilhadas na Segunda Modernidade”. In: \_\_\_\_\_; CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto: Asa Editores, 2004. p.9-34.
- \_\_\_\_\_. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. GARANHANI, M. *Sociologia da infância e a formação de professores*. Paraná: Champagnat, 2013.